

O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

É tempo de a gente de Fão reparar a sério na moçada da canoagem a que nós simpaticamente chamamos de «miúdos», embora saibamos que lá militam raparigas também e moços que há muito ultrapassaram a fase etária do adolescente. Em rigor eles praticam o desporto para o qual nós, fangueiros, melhor estamos vocacionados: desporto náutico. Para já a modalidade que eles (e elas) dominam é a canoagem. A palavra «dominam» não traduz rigorosamente a relação existente entre os barcos e esta miudagem. Com efeito eles amam a canoagem. Daí o entusiasmo com que praticam este desporto, daí a alegria que emprestam a esta modalidade, daí os sacrifícios que passam para a praticar. Corre já como proeza entre a malta a atitude

EDITORIAL

de uma miúda que tomou parte numa prova, ao arrepio do conhecimento paterno, arrostando com todas as consequências advenientes.

Curiosamente esse amor transferiu-se para o elemento natural que possibilita a canoagem; referimo-nos, como já devem ter adivinhado, ao rio. Sem reboços podemos afirmar que hoje os maiores defensores do rio Cávado, o nosso rio, são os miúdos da canoagem. Eles foram desde a primeira hora os primeiros e maiores ajudantes do Arq. Pádua (outro louco pelo rio) na sua meritória tarefa de limpar, embelezar e defender este curso de água que a todos nos encanta; acorreram desde a primeira hora aos foguetes que o arquitecto lançava quando queria iniciar os trabalhos de as-

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

Dr. Franklim Nunes

Consensualmente escolhemos hoje para figura nesta secção o nosso conterrâneo dr. Franklim Nunes que foi médico pediatra na cidade do Porto e Professor de Educação Física no Liceu Alexandre Herculano da mesma cidade. Dizemos consensualmente, pois aceitamos a caricatura das mãos do Dr. Alcêu como uma indicação tácita de que o dr. Franklim seria um dos colunáveis. Como tal desiderato estava nos nossos propósitos, entendemos que houve tácito acordo e, portanto, consenso.

Mas o dr. Franklim, porquê? Estamos convencidos que era uma pessoa que reunia o respeito quase unânime da freguesia, figura muito delicada, médico sempre atencioso e gratuito para quem se apresentava de Fão, dedicado à sua terra que por vezes exaltava em versos e em pequenos estudos de cunho etnográfico, enfim, um *gentleman* e um amigo. Cremos que estes são ingredientes bastantes para conferirem carisma a alguém cuja lembrança fica a pairar no limbo do inconsciente colectivo de uma localidade.



A nossa memória, embora não alcance em todo o seu comprimento a vida deste conterrâneo, conseguiu imprimir uns *esfumatos* e recorda o dr. Franklim a passar todos os anos as suas férias na casa de Fão, dando o seu cotidiano passeio numa bicicleta de «senhora», calçado sempre nas suas meias anuais, chapéu branco ou boina na cabeça e com o mesmo fato de férias; ou então, aconchegado num pequeno barquito, a remar placidamente nas águas remançosas do Cávado.

(Continua na pág. 3)

OUVINDO OS DIRIGENTES DA CANOAGEM:

Dalila Novo e Fernando Eurico

Sinceramente que gostamos muito de ouvir estes dois jovens, grandes entusiastas da canoagem e directores (entre outros) da respectiva secção agregada ao Club Fãozense.

Eclareceu-nos a Dalila: «A canoagem começou no Clube Fãozense no tempo do Sr. Abel da Costa. A actual Direcção do Clube, presidida pelo Sr. Agonia, continua a dar-nos todas as facilidades, exigindo apenas que os seccionistas sejam sócios do C. F.. De resto, todos os miúdos podem praticar nas canoas; é preciso só que estejam inscritos na Secção.

—Qual o resultado ou antes, quais os resultados conseguidos nas provas já realizadas?

Responde-nos o Eurico: «Já concorremos a várias provas do campeonato e podemos dizer que o comportamento dos nossos atletas tem sido muito bonzinho. Fomos a Crestuma, a Prado, a Massarelos e chegamos a apanhar alguns primeiros lugares. Este ano a Câmara de Esposende convidou-nos para organizar uma prova de canoagem como número das Festas da Vila.»

(Continua na pág. 3)

FESTA DO RIO

Domingo, dia 26 de Agosto, à tarde, foi festa em Fão, a Festa do Rio. No sábado à noite já tinha havido uma sardinhada no Largo do Fontes, tudo promovido pela malta da canoagem. Houve música, foguetes e naturalmente provas de barcos (canoas) em que tomaram parte representante de Águeda, Prado, Gemeses, Vila do Conde e o Club Fãozense.

Disputaram-se provas variadas em categorias diferentes, tendo os atletas de Fão obtido classificações muito li-songeiras.

O público acorreu em massa e de tal modo que hoje já podemos começar a dizer que a Festa do Rio é a festa de Fão.

Damos a seguir a lista das classificações, mencionando o nome do vencedor e ainda a classificação dos atletas fangeiros.

Cadetes: K 1: 1.º António Brimo (R.D.A.); 10.º, Paulo Pedras (C.F.); 15.º, Jorge Lima (C.F.); Infantis: 1.º, António Fernandes (Ind.); 10.º, Belmiro



Um aspecto da partida de uma das provas

Penetra; Danas: 1.º, Teresa Fradique (C. Fãozense); Senior K 1: 1.º, Bírrio Marques; Júnior: 1.º, Victor Marques (Ind); 3.º, Lázaro Penetra (C. F.); Danas: Sameiro Araújo/Teresa Fradique;

Seniores: K 2, João Brimo/Vasco Martins (R.D.A.); 3.º, Ramiro Novo/Emílio Araújo; Juniores K 2: 1.º, José Carvalho/Marcelino Silva (Prado); 2.º, Paulo Costa/Lázaro Penetra.

Limpeza do Fontanário do Cortinhal

Actualmente o Largo do Cortinhal é a nossa melhor sala de visitas: Muitos conterrâneos teimam, porém, em sujar o que deveria ser a causa do nosso orgulho; da fonte nem falemos. Cianças acompanhadas dos próprios pais, outras crianças sozinhas e mais alguns matulões estão constantemente a emporcalhar aquilo que meia dúzia de fangeiros carinhosamente ergueu.

Pois há dias o Armando Carneiro não esteve com mais aquelas: arregaçou as mangas, esvaziou a água do tanque, limpou as paredes com lixívia, esfregou, poliu, enfim pôs o pequeno recinto num primor. O Arq. Pádua (ele, sempre ele) também e como sempre, cooperou com a aquisição de mais alguns ingredientes para a lavagem.

Esperemos que a nossa Junta não se abespinhe e tome este gesto como um exemplar amor a Fão.

Concurso para candidato a Árbitro de Futebol

Até 30 de Setembro p.f. aceita o Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Braga inscrições para o efeito acima referenciado.

São condições indispensáveis não ter menos de 18 anos de idade nem mais de 33, possuir como habilitações literárias a 4.ª classe, ainda residir na área do Concelho de Braga, não ter menos de 1,60 de altura e não ter sofrido pena disciplinar em qualquer modalidade desportiv superior a 30 dias de suspensão, mesmo que amnistiadas.

A inscrição processar-se-á através de um requerimento feito em papel azul de 25 linhas do qual deverá constar: nome, idade, estado, filiação, naturalidade, residência, número do B.I. e grau de habilitações.

Deverá juntar-se ao requerimento o certificado de registro criminal.»

EDITORIAL

(Cont. da pág. 1)

seio das margens do «basófilas». Eles são hoje os principais guardiões do nosso rio; eles ralham com aquelas pessoas que ainda teimam em lançar porcarias na água, apesar dos inúmeros contentores que guardam todas as vielas ribeirinhas; são ralhentos mas ao mesmo tempo dissuasores pois as pessoas de Fão só para os não aturar já nem «botam» as coisas para ali.

E que dizer da Festa do Rio? Foram os «miúdos» os seus organizadores, foram eles os maiores animadores, eles chamaram gente, eles consciencializaram as pessoas, enfim entusiasmaram Fão para o Rio, para a defesa do mesmo.

Eles, os «miúdos» são um exemplo para nós todos que andamos dezenas de anos a enxovalhar um nobre rio fazendo dele a Cloaca Máxima da terra. Eles, tão novos, tão contagiantes, são um modelo a seguir.

Que o seu exemplo seja frutuoso.

OBRAS DE DEFESA DA PRAIA

Tendo sido alertada a Direcção Geral de Portos pela Câmara de Esposende e Sopete para a situação da praia fangeira, aquele organismo encomendou à Hidrotécnica Portuguesa um projecto de obras a realizar na nossa costa que compreende duas fases. Para a primeira serão efectuados aqueles trabalhos considerados mais urgentes e necessários tendo em vista a defesa quer do edifício Ofir, quer das torres. As obras começarão dentro de meses. Numa segun-

da vertente serão efectuados aqueles trabalhos considerados estruturais para uma mais duradoura segurança da zona.

A Direcção Geral de Portos vai interessar neste projecto a Direcção Geral de Turismo, uma vez que se trata de uma zona marcadamente balnear com forte afluxo de forasteiros.

Estas informações foram-nos prestadas pelo actual Presidente da Junta Autónoma de Portos do Norte, Manuel Carvalho da Silva Pereira.

Dr. Franklim Nunes

(Continuado da pág. 1)

Ah! Mas a pessoas do dr. Franklim não se esgotava aí. É bom que se saiba que foi ele quem trouxe para Fão o inesquecível Sousa Martins com o fito de orientar um grupo de banhistas que se propunha construir na nossa terra um hotel de 40 quartos, se a memória não está desafinada, e que se situaria mais ou menos em frente ao hotel do Pinhal. Surgiram depois desinteligências que se agudizaram e se tornaram bastante contundentes.

Tanto quanto a nossa vista alcança, o dr. Franklim antevisionava para Fão um quadro turístico que a preservasse de grandes afluxos demográficos próprios de um turismo industrial; este cantinho à beira-mar plantado deveria manter-se incólome, constituir um oásis de paz, de quietude e de refúgio, aquele refúgio solicitado por todos os que fogem do bulício da cidade.

Não era propriamente um líder, um elemento catalizador da força de um capitão Larcher; aderiu, no entanto, entusiasmado àqueles grupos que lutassem pelo bem estar de Fão e rapidamente se tornava um elemento de elite, combativo, entusiasta, persuasor, o que se veio a verificar com o Grupo dos Amigos de Fão de que se tornou elemento muito destacado.

Fez a letra para um poema (hino de Fão) que o Professor Leça musicou; depois imprimiu-o e distribuiu-o sob a forma de postais a todas as pessoas das suas relações. Ele queria que todos fi-

cassem a gostar de Fão por quem nutria um carinho muito especial.

A sua casa bem poderia ter-se tornado na sede da Junta da nossa terra. A esse propósito mordem-se alguns remorsos. Foi o caso de que um dia, já muito perto da sua morte, telefonámos-lhe, convidando-o para uma entrevista

a sair no Jornal de Notícias. Ao mesmo tempo íamos propor-lhe a venda da sua casa de Fão à Junta local. Ele aderiu imediatamente à proposta da entrevista, mas alguns afazeres obrigatórios retardaram-nos o encontro e assim se gorou uma hipótese de a Junta de Fão se instalar comodamente, numa casa senhorial, o que foi lamentável a todos os títulos.

ARMANDO SARAIVA

Royal Ofir Club

A coisa começou mais ou menos assim: eram uns tantos casais que se reuniam, nas noites de Agosto, no Hotel do Pinhal. No fim das férias alguém se lembrou de ofertar uma ceia ao casal anfitrião (Araújo Esteves) no restaurante da Bagoeira. Foi há 11 anos e cada comensal pagou 50\$00. Depois cada casal começou a oferecer no mês seguinte o jantar aos restantes e assim se formou o Royal Ofir Club. Uma ocasião foram todos a uma tasca das Marinhas impecavelmente vestidos: eles, de smoking e as Senhoras, de vestido comprido. Foi um sucesso.

Passado um ano começou a abalação. Cada um foi para seu lado. Até que há dias alguém se lembrou de lançar o toque para reunir. Foi de novo no restaurante de Barcelos e ninguém faltou. Lá estiveram os

casais: Constantino Araújo, Amândio de Sousa, Samuel dos Santos, Aníbal Soares, Dias das Almas, Bessa Monteiro, Armando Saraiva e o Antero Amaral. Todos vivinhos, graças a Deus e com saudinha.

Houve os discursos da praxe (de outrora) e num deles foi lembrado, em geito e argumentação sucupirana que seria melhor adaptar o grupo aos tempos modernos e que se deveria adoptar uma sigla condizente: P.S.P.C. (Partido Só Para Comer). Houve discussão, mediram-se os prós e os contras e foi nomeada uma comissão para tratar especificamente do assunto.

No fim a Dolorosa foi simpática (dez vezes mais, só), os abraços à mistura, uma certa saudade e o desejo de novo encontro no mais breve espaço de tempo.

OUVINDO OS DIRIGENTES DA CANOAGEM

(Continuado da pág. 1)

Que dificuldades tendes?

Dalila: «A maior dificuldade que tivemos relacionava-se com o transporte das canoas. Chegamos a não poder entrar nas provas porque não tínhamos quem levasse os nossos barcos. Mas agora compramos um atrelado que se pode ligar a qualquer carro e assim as dificuldades vão ser menores. A Câmara deu-nos um subsídio de cem contos. O sr. da areia deu-nos um barco.» Por sua vez o Eurico acrescentou: «Também o Sr. Aníbal Soares, do Hotel do Pinhal nos prometeu um barco e o Sr. Arq. Pádua nos vai dar uma canoa que terá o nome de O NOVO FANGUEIRO. Agora estamos empenhados em conseguir uma lista de cem simpatizantes a dar 1.000\$00 cada um. Vamos a ver se o conseguimos e desde já fazemos um apelo a todos os amigos de Fão e

da canoagem para que nos ajudem neste objectivo.

Projectos?

Dalila: «O nosso maior sonho é arranjar um posto náutico. O Sr. Presidente da Câmara prometeu-nos o terreno pegado à ponte do lado sul; mas o Sr. Presidente da Junta quer o lugar para estacionamento dos carros. Não percebo. Agora querem-nos dar o terreno à beira do Fojo.» E afirmou-nos com grande veemência: «Dêem-nos um terreno e nós, sozinhos fazemos o posto. Já temos quem nos ofereça as telhas; o tejolo e o cimento foi-nos prometido pelo sr. da areia. A mão de obra será toda nossa e nós apareceremos com o posto feito. Dêem-nos o terreno.»

— E a moçada está entusiasmada?

«Se está» diz-nos ainda a Dalila. «Eles gostam muito de andar nas ca-

noas. Os pais da miudagem também andam entusiasmados e são eles próprios que nos vêm trazer os filhos. Depois eles gostam também muito do rio. Eles são os seus defensores. Ai daquelas pessoas que deitarem lixo ao rio e que eles vejam: insultam-nas. Acrescentou o Eurico: «A malta tem aprendido por si. Nunca tivemos treinadores. Lembro-me que quando fomos a primeira vez a Prado apresentamos as pagaia (remos) ao contrário. Agora já podemos dar lições. No esquimotagem (cambalhotas laterais) somos os primeiros».

Ainda a Dalila: «Temos necessidade de equipamentos e coletes de salvação. E ao terminar também queria deixar uma referência muito especial ao Sr. Domingos de Assunção. Ele tem sido muito nosso amigo. Ele é um verdadeiro olheiro do rio.

Conversando...**FIM DE TARDE**

Mês de Setembro. Entardecer ...

Hora do silêncio, nos campos, nas almas e na penumbra das ermidas!

Fim de tarde quente, calmo e cheio de sedução!

E da janela da minha sala, virada a poente debruço-me nesta hora crepuscular e os meus olhos ficam extasiados com o panorama deslumbrante que se disfruta.

Vejo a ponte de ferro que se destaca, sobre o azul das águas do rio Cávado e dos verdes da outra margem. Ao fundo, os montes escuros, que a primeira neblina do entardecer, cobre como um véu de noiva!

O rio tem uma claridade de vidro espelhado, tal a quietude das suas águas!

Há um tom alaranjado, no céu limpo de núvens e no ar, o calor morno e suave dum estio embriagador, que nos acaricia a pele e deleita o coração!

As árvores, que se avistam pelas quintas e terreiros, estão cheias de fruta e as vinhas têm o aspecto promotor dum boa colheita.

Ao longe, escondendo o mar, destaca-se o pinhal, mas este, não é mais que uma sombra pois só se

distingue o recorte das suas copas no céu avermelhado do sol posto!

Tudo está quieto.

Nessa hora de recolhimento, as almas sensíveis e solitárias, sentem a necessidade de se expandirem e de encontrarem à sua volta, a compreensão, o afecto e a beleza das coisas!

E no entanto, é nessa hora, que mais sentem a solidão, e, ao mesmo tempo, o encanto que se desprende da tristeza dos objectos inertes, que as rodeiam ...

Acendem-se as primeiras luzes.

O vulto dum par de namorados, que passa a pé, na ponte, é recor-

tado pela claridade dos faróis dos carros que riscam a estrada!

Escurece! a ponte tem o aspecto feérico dum noite de S. João!

As luzes dos carros que a atravessam ao perpassar através dos ferros que a compõem, fazem lembrar pirilampus, ou balões coloridos em arraial minhoto!

Como é linda a Ponte!

Quantas histórias, quantos amores estarão ligados à sua vida.

Ponte de Fão. Ponte do Povo. Vista da janela da minha casa, à noite, parece uma pintura famosa! ...

É noite fechada,

O movimento abrandou!

Fecho a minha janela e fico a cismar neste fim de tarde radioso, que só se pode disfrutar da janela da minha casa!

Fão, Setembro de 1981.

Cecília Paixão de Amorim

Da minha varanda

(Continuado da pág. 8)

outros no meio das hortênsias, e ainda outros atrás do Coreto, enquanto os mais pequenos se julgam buito bem escondidos (a cabeça está) atrás dos bancos, com as pernas à mostra ...

E o jogo repete-se, duas, três, quatro vezes, até que ... um aí vem, ao longe, bola debaixo do braço. Céus, como o panorama se modifica!

Quatro paralelos no chão (que sobram da festa) e aí estão duas balizas!

— Sou eu a escolher!

Metade para cada lado, lá se formam as equipas. As meninas, essas, sentam-se, são a assistência, mas também correm a ir buscar as bolas quando vão longe, umas estão proibidas de as chutar têm de atirar à mão. Os mais pequeninos ficam também ali a aprender e não perdem uma jogada. Não há relógio, a não ser o da torre do Mosteiro, do Senhor Bom Jesus, mas com esse, não se entendem, dá muitas horas. Então, joga-se para a frente e é até não poder mais. O suor cobre-os! Atam as mãos à cabeça, vão tirando a roupa peça por peça e há já quem jogue descalço, que esteja esmurrado, quem corra coxeando, mas ... o desafio não pode parar. Dão tudo por tudo e, de vez em quando, uma voz grita: — «Off saite!»

Se é para sair, não sai ninguém.

Mas também o resultado, eu nunca sei. Sei que terminou e que lá vão todos contentes, com grande acompanhamento, prometendo que no dia seguinte ali estarão de novo.

E eu, espero-os. Sei que não faltarão.

Até amanhã!

Grupo dos Amigos de Fão

No último dia 27 de Agosto realizaram-se as eleições para a nova Direcção que ficou assim constituída:

Assembleia Geral: Presidente — Dr. José Emílio Sampaio e Castro; Vice-Presidente — Eng.º Adolfo Morais Macedo; 1.º Secretário — Eng. Sérgio Manuel Mariz Dias Ferreira; 2.º Secretário — Álvaro Valente Seabra.

Direcção: Presidente — D. Maria Teresa Lopes Valle; V. P. — Dr. José Augusto Madureira; Tes. — Dr. José António Lemos Matos; Vogais — Dr. José Reis Hilário Carvalho, Arq. Júlio Oliveira, Eng. Filipe Soutinho, Dr. Fernando Cunha, Paula Maria Macedo, Nísia Araújo, e Nélson Macedo.

Trata-se, ao que parece e ao que consta, de uma direcção pujante e com vontade de dinamizar o Grupo. Oxalá assim seja e o Grupo dos Amigos de Fão, de tão gloriosas tradições, possa atingir o nível já conseguido em tempos áureos.

Defendamos o Pinhal

O nosso pinhal de Ofir ou pinhal de Fão (*ad libitum*) é uma das nossas maiores riquezas que intransigentemente deve ser defendida contra tudo e contra todos.

Tem sido sujeito a todos os maus tratos possíveis, mormente por parte dos construtores que procuram implacavelmente aqueles magníficos espaços verdes para levantarem ali edifícios. No entanto não apenas os empreiteiros os únicos inimigos do pinhal. Está a ser prática corrente o corte selvagem das árvores em qualquer área. Ainda há dias alguém nos contou que um membro da Assembleia da Freguesia entrou na mata junto às torres, serrou um pinheiro com uma serra adrede preparada e muito paulatinamente o levou num carrinho de mão para casa nas barbas de quem o quis ver. Como diria o Fernando Peça: «E esta, hein».

O Mundo em que vivemos

A vida em busca da morte

Dia a dia podemos constatar que os caminhos da vida são cada vez mais caminhos de desamparo, de solidão, de desespero; de problemas insolúveis e de incapacidade para os enfrentar. Cada vez mais a vida busca deliberadamente a morte, mergulhando consciente e decididamente nos seus abismos.

Vêm estas breves considerações a propósito de três casos que sucederam recentemente, e em dias sucessivos, curiosamente semelhantes na sua essência:

O primeiro, ocorreu na Damaia: o marido de Isilda Nunes abandonara o lar há cerca de um mês e, segundo consta, preparava-se para requerer o divórcio. A mulher ficou com dois filhos: Filipe, de 14 anos e Elisabete, de 9. Não aguentou a situação. Decidiu abandonar a vida, mas levaria os filhos consigo, não os deixaria ainda mais sós. Por isso a última refeição que lhes serviu e compartilhou com eles tinha o sabor da morte.

DOENTE

Foi submetida a uma intervenção cirúrgica no Hospital de Esposende a sr.^a D. Zita Madalena Ramos Pereira Saraiva, esposa do Director deste jornal. Foi operador o Dr. Juvenal Silva que teve como médico assistente o Dr. João Amândio (cirurgião-chefe do Hospital de Guimarães) e como anestesista o Dr. Carlos Ferreira.

Esta coisa de ser o responsável de um periódico, para além de provocar alguns aborrecimentos (eterna confusão da arte do jornalismo com a obrigação de só dizer bem) enseja a possibilidade de publicamente se destacar um gesto, uma atitude ou qualquer acção que mais de perto nos toquem.

Assim queremos (porque o podemos fazer) manifestar o nosso apreço às qualidades de cirurgião e de médico obstetra do Dr. Juvenal Silva e ainda a toda a sua equipa, já mencionada, faltando apenas citar o nome do enfermeiro Augusto Vilarinho, um caso de competência e dedicação fora de série.

Na verdade o concelho de Esposende começa a distinguir-se por possuir intra-muros um corpo de abalizados clínicos, o que dispensa já a procura de outros centros médicos só insubstituíveis pela gama de aparelhagem sofisticada em que se apoiam. É de justiça, útil e necessário que se conheçam os valores da nossa região e se lhes tribute o mérito que realmente merecem.

Os cadáveres foram encontrados pelos vizinhos.

O segundo caso ocorreu no dia imediato em Beiriz: Maria de Fátima, de 32 anos, ficou com três filhos, de idades entre os 4 e os 8 anos. O marido emigrou para França, não contribuindo para as despesas inerentes à criação dos três filhos. Ela, «mulher a dias», não conseguia fazer face só com os seus recursos, à subsistência e necessidades das crianças. Tomou «remédio do escaravelho» e deu aos filhos também. No entanto, mais afortunados (se assim se lhes pode chamar sem parecer ironia) do que os do caso anterior, foram socorridos a tempo e estão livres de perigo. Para já. Porque a situação é a mesma. Os problemas estão lá. Fará a mãe nova tentativa? Assim, estas três vidas tão jovens continuam ameaçadas por um fim atroz e precoce que nada fizeram para merecer.

O terceiro caso teve lugar em Chelas. A mãe, de 25 anos, desempregada; o pai ausentou-se para Angola. Ela agarrou contra si o filho, de 14 meses, a atirou-se com ele de um 6.º andar à rua. A criança teve morte imediata. A mãe foi internada em estado grave, no Hospital de S. José. Sobrevirá? Se assim for, terá que ser julgada em tribunal pelo assassinio do próprio filho e, naturalmente, condenada. Mas essa não será a pior condenação: o mais doloroso e crucial castigo será o de ter sobrevivido, o de ter ficado «do lado de cá». Ela, que tanto amava o filho que quiz levá-lo consigo na derradeira viagem, foi colocar, involuntariamente embora, en-

tre os dois, inexorável barreira que separa a morte da vida.

É uma dura realidade: três pessoas que desistem de lutar, que se afundam na morte como solução para os seus problemas, que acham que não vale a pena viver. Mas mais triste, mais grave e de lamentar mais profundamente, é a sorte das crianças: privadas, primeiro, do pai; privadas, depois, da própria vida.

Meninos sem futuro, condenados por crimes que não foram seus. Descem à terra nos seus caixóezinhos brancos, entregando à morte a vida que não chegaram a viver.

E. REAL

Aniversário dos Bombeiros

No último 5 de Setembro ocorreu mais um aniversário da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão. Por incompatibilidades de programa a efeméride será comemorada no próximo dia 23.

Assim haverá missa às 11 horas, seguida de uma romagem ao cemitério em homenagem aos bombeiros e dirigentes falecidos. As 14 horas começa a recepção às entidades convidadas, seguindo-se a bênção e o baptismo de uma nova viatura a que será dado o nome de MANUEL PINHEIRO BORDA.

Pelas 15 horas terá início uma sessão solene com descerramento de várias placas: aos comandantes que serviram no corpo activo; à comissão organizadora da Benemérita Corporação; possivelmente haverá o descerramento de um retrato das Senhoras que organizaram uma recolha de fundos para a primeira bandeira.

Pelas 20 horas realizarse-á um jantar convívio cujos moldes ainda não estão bem delineados.

UMA CHÁVENA DE CAFÉ

(Continuado da pág. 8)

-moedas e as carteiras de talões acumulados e de senhas inutilizadas.

São 9,30 horas da manhã, hora amena e prometedor de luminosidade. Chávenas de café e pequenos almoços repousam nas mesas da gente habitual e duma ou outra família em férias económicas.

Para lá das vitrinas, o trânsito aglomera-se e é lento, camionetas e furgões impedem uma circulação normal: descarregamento de refrigerantes, de alcatifas, de livros e de cigarros, enchem de vida a rua larga que desagua na Boavista. E, a cor alaranjada dos autocarros quebra a frieza dos automóveis, ora sujos ora de tons neutros. Pelos passeios, rostos há que se irradiam de primavera, mas predomina o ar outonal:

rostos queimados do sol, rugas de sisedez, de cansaço, de sono mal dormido e estamos em pleno Verão!

Velhos e velhas, crianças e ciganas abundam cada vez mais em mendicidade — estendem-se pelos passeios em poses grotescas e de comiserção ou então mais arrojados entram pelo café de mão estendida e maquinalmente a guardam. São os chamados «casos pontuais».

E, impávidos e serenos, de cigarros ou chávenas entre os dedos, ficamos-nos nesta decadente inactividade, discutindo sem grande profundidade a razão da nossa existência ou nem discutimos».

Pergunto-vos: como são as manhãs de verão da vossa localidade e vistas dum café?

Maria Arlete S. F.

CARTAS AO DIRECTOR

Ex.mo Senhor Director de «O Novo Fangueiro»,

Vai concerteza estranhar que alguém se permita fazer um pequeno reparo a uma notícia inserta no último número de O Novo Fangueiro a Artur Sobral. A pessoa que lhe escreve estas linhas nunca dependeu deste senhor, mas porque as portas da sua casa nunca deram entrada à ingratidão, vem solicitar que seja reposta a verdade, mas toda a verdade sobre uma pessoa de que conhece as merências há já longos anos.

Defeitos todos nós os temos e o maior defeito de Artur Sobral é gostar demasiado de Fão. Proponho-me por isso, indicar todas as benfeitorias prati-

cadas por este fangueiro e que devem constituir um exemplo não só para as gerações novas mas também para as vindouras. Todas as instituições da terra foram ajudadas sem excepção por este grande bairrista. Se não, vejamos: Ele beneficiou o Hospital de Fão e de tal modo que o seu retrato figura lá como um dos seus beneméritos; também na Cantina Escolar Joaquim Mariz A.S. deu um grande impulso para a sua realização; muitos melhoramentos realizados nos Bombeiros tiveram igualmente a sua assinatura; para o futebol de Fão, nomeadamente para o seu campo de jogos o seu contributo foi decisivo; pode dizer-se que é igualmente um benfeitor do Club Fãozense. Como homem crente e de muita devoção ao Senhor Bom Jesus, Artur Sobral nunca faltou com os seus óbulos generosos para arranjos eventuais do mosteiro. Ainda recentemente ofereceu para as obras da capela da Sr.ª de Fátima a quantia de 50 contos. Para mim uma das suas acções mais importantes foi a compra de um terreno destinado ao bairro dos Pescadores e que se tornou uma realidade devido às suas boas relações com o Almirante Henrique Tenreiro.

Para além de muitas outras coisas que aqui não se referem devido ao espaço que estou a roubar (e V. Ex.ª sabe por experiência própria a acção decisiva deste homem no aparecimento do antigo O Fangueiro), deixo aqui um esboço muito sucinto da personalidade de um dos maiores beneméritos de Fão de todos os tempos. Faça-o porque assim presto um acto de justiça. Faça-o ainda para avivar a memória de muitos conterrâneos que nada fazendo só sabem denegrir a acção daqueles que trabalham, daqueles que carinhosamente dão o seu esforço pelo bem desta terra tão necessitada.

Com agradecimentos do Nara.

«TURISMO OU BRINCADEIRA»

(Esclarecimento de Aníbal Soares, em carta dirigida à nossa redacção, que publicamos na íntegra).

Ao lermos, no último número de «O Novo Fangueiro», a entrevista que lhe concedemos sobre turismo, verificamos que a forma como se insere uma opinião sobre os políticos, permite interpretações dúbias que devem ser esclarecidas.

Com efeito, se é do conhecimento geral que o primeiro objectivo dos políticos, em tempos de eleições, é a captação de votos, não é menos verdade que transferida para o âmbito local, esta afirmação marece de ser rectificada.

Primeiro, porque desconhecemos as particularidades da zona, nunca tendo assistido a uma campanha política na região, devido às nossas inúmeras deslocações.

Segundo, porque no referente aos temas específicos versados na referida entrevista, sempre recebemos até agora das autarquias locais a maior compreensão e acolhimento para os problemas apresentados, apoiando mesmo, dentro dos limites que o bom senso e a lei vigente permitem, as nossas iniciativas.

A conduta recta e a frontalidade que é peculiar nas afirmações que fazemos, não se compadecem de interpretações menos bem intencionadas e especulativas, pelo que rogo à Ex.ma Direcção desse jornal o obséquio de, a bem da verdade, publicar o presente esclarecimento.

Aníbal Soares



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de todo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ★★★

OFIR - FÃO - C/8 ESPOSENDE - TEL. 613-04 14 7314 - TELEX 12817 (para Contactos pelo telex)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bar. Restaurantes com especialidades minhoas. Terrazas. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva
 Maria José Barra Reis Pimenta
 Dr.ª Maria Emília Corte-Real
 Dr. José Augusto Madureira
 Dr. Alceu Vinha dos Santos
 D. Lucília Palhão de Amorim
 Maria Ariete S. F.

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
 José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
 Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
 Praça João XXIII — Telef. 60318
 4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 350\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

LENTE DE CONTACTO

RUA DA MISERICÓRDIA, 2-16 - 4700 BRAGA - TELEF. 76777

CONCURSOS NO HOTEL DO PINHAL



Artur Sobral, organizador deste Concurso com o par 4.º classificado, D. Angelina e D. Fernanda Soares.

No último 20 de Agosto iniciaram-se no Hotel do Pinhal os campeonatos do King e da canasta, com a participação de banhistas e fangueiros, iniciativa do nosso amigo Artur Sobral e que teve a secretaria-lo o sr. Araújo, de Braga.

Foram três noites de convívio agradável e que tiveram o seu epílogo na quinta, dia 23 com um jantar acompanhado por música, seguido da respectiva distribuição de prémios. Antes da cerimónia da entrega das taças Artur Sobral saudou todos os presentes e agradeceu a sua presença bem como a pronta

adesão dos donos do Hotel, nomeadamente D. Angelina Soares que não contente de tomar parte no jogo da canasta ainda arrebatou um muito honroso quarto lugar de parceria com sua nora, D. Fernandes Soares.

Foram entregues as seguintes taças: **KING** — 1.º, Dr. José Albino Saraiva; 2.º, Artur António Silva Sobral; 3.º, Dr. Agostinho Reis; 4.º, Prof. Filipe Santos. **CANASTA** — 1.º, Alberto Araújo — Luis Araújo; 2.º, Eng. Rui Rodrigues — D.ra Teresa Roriz; 3.º, D. Natalie Pimentel — D. Isabel Pimentel; 4.º, D. Angelina Soares — D. Fernanda Soares.

Com a presença dos Senhores Ministros da Cultura e da Educação, do Presidente da Unesco e ainda de representantes de 16 países, realizou-se nos dias 17 e 18 do mês de Julho, na Fundação Gulbenkian, um simpósio sobre Educação pela Arte.

Para ilustrar teses em discussão foram convidados os nossos conterrâneos Irmãos Matias, funcionários do Mu-

Fã o esteve presente

seu da Marinha, que apresentaram um bellissimo trabalho que todos nós já conhecemos: tratou-se de um tapete feito em pétalas de flores, igual a muitos que têm feito pelas festas do Senhor de Fão. (Seja-nos lícito recordar que estes fangueiros, em chegando a semana da Pascoela, deixam barcos e redes e vêm por aí a baixo para enfeitar o mosteiro do Bom Jesus).

Além daquele trabalho, um dos nossos projectou num dos auditórios da Fundação, uma série de *Slides*, indicando a maneira como se fazem e quais os materiais utilizados. Igualmente foram projectados *slides* sobre os famosos tapetes feitos pela briosa gente das Pedreiras que foram muito apreciados por todos os circunstantes.

Mais um contributo dos Irmãos Matias a favor da terra que eles tanto estremecem.

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telefs. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A nova colecção de Dicionários Editores acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição de Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moedas somente utilizadas em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade. Enriqecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do apêndice de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais abrangente de todos os de seu género, o mais correto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

EDITORA EDITORA LDA. Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º - 4100 PORTO
LIVRARIA ARNADO LDA. Rua de São João, 100 - 4100 PORTO
IMP. L. FLUMINENSE LDA. Rua de São João, 100 - 4100 PORTO



por ZINHA

E aqui ao parque chagam as crianças!

Chapéus na cabeça, é preciso proteger do sol. Correm para os baloiços para o escorregão, para os cavalinhos. Dão gritos de alegria, gargalhadas de satisfação. Fazem logo amigos, parecem todos conhecidos de longa data.

Não, não é estranho. A sua linguagem é a mesma, a sua inocência, comum, a sua pureza é idêntica, os seus anseios, só uns — brincar, brincar! E ajudam-se nos folguedos e completam-se nas ideias e participam nas pequenas aventuras.

Como é bonito vê-los! Blusa verde, boné vermelho, calções azuis, fralda de fora, sapatilhas gastas, saia amachucada, chapéu roído na ponta. Vermelhos, eufóricos... felizes! Sim, eles são felizes — a mãe

está em casa, o pai logo vem. Os irmãos, os primos, os vizinhos e outros amigos já estão ali; depois há na televisão a Candy-Candy, o Popeye e logo a seguir, vai-se para a cama dormir um sono grande, bem merecido, depois de tamanha brincadeira. E ao outro dia, a roupa lavada, as sandálias novas, o leite, o pão com manteiga e, de novo... a brincadeira!

Eles não sabem o que o pai e a mãe passam, as contas que fazem, as lutas que travam, os trabalhos a que se sujeitam, as pressões que sofrem para que sejam assim crianças felizes.

E agora é a vez de darem cambalhotas, de subirem às bolas de pedra, de correrem para o Coreto a jogar ao «Ti tem lume? Acolá fume-ga!» E são gritos de alegria, e são passadas rápidas para não perderem o lugar e são palmas e saltos. Há sempre um que fica de fora à procura de «lume», mas tem de ser assim, caso contrário não teria graça a brincadeira.

E depois há um que tem outra ideia — tudo se junta à volta do «iluminado» e ei-los que correm, cada um para o seu canto.

Já sei, descobri! E vão jogar às escondidas!

— Um, dois, três, quatro... dez... quinze... vinte. Alerta, alerta, cara descoberta!

E uns estão detrás da palmeira,

(Continua na pág. 4)

Logo no início do capítulo VIII das «Viagens...», Almeida Garrett, entre outras coisas, desdenha o alfacinha e a sua cultura que, conhecendo apenas a «baixa Lisboeta», pensa conhecer o seu país e o mundo. Daí, contrapor com o aprazível «café do Cartacho» onde «duras e ásperas tábuas esguias» são «gozo de alma e satisfação de corpo».

Não tendo as ousadias deste ilustre escritor, não desprestigie nem a gente do Norte nem a do Sul, nem a das cidades nem a das aldeias — talvez porque as minhas limitações me levam a aceitar

UMA CHÁVENA DE CAFÉ

todos como fontes culturais ou talvez porque toda a minha vida esteja ligada a «café» mais ou menos citadinos, mais ou menos aprazíveis.

Assim, partindo dum registo dum pequeno café portuense e bem concorrido de gente diversa, proponho a participação do leitor minhoto:

A maior parte lê os jornais matutinos, reconheço entre eles o ex-presidente da Câmara, a professora de Física mais os seus feios óculos graduados e o comerciante de electrodomésticos, outros, entre eles, o engraxador, a senhora da limpeza e a empregada do quiosque, olham o totobola e consultam as rifas e outros ainda, limpam os porta-

(Continua na pág. 5)

«O MANCHA AZUL»

Fazendo inveja aos mais fiéis clientes da «Pousada de Custóias», ele aí está: o Mancha Azul. Filho bastardo de alguma lavandaria ou tinturaria este bandedeiro tem como palco preferencial do ataque às suas vítimas, os pinhais de Fão.

Como é certamente gente do cangaço, resolvemos contactar o Capitão Zeca Diabo para que nos informasse se conhece este espécime:

N.F.: Está lá? Capitão Zeca? Daqui é do Novo Fangueiro.

Z.D.: Sim ou sei, vomecês são conhecidos do sr. Dr. Prefeito. Que querem comigo?

N.F.: É que nós temos aqui um bandedeiro que gostávamos de saber se o Capitão conhece dos seus tempos em que andava no cangaço.

Z.D.: Como é que é ele?

N.F.: Nós nunca o vimos mas conhecemo-lo pelo «Mancha Azul». Ataca nos pinhais, deixando manchas de tinta azul por tudo o que é sítio.

Z.D.: Escoita ó Novo Fangueiro de sangue azul, não é gente minha, não.

Todos os meus companheiros eram gente pobre e ninguém era aristocrata de sangue azul.

E vítimas? Já apareceu alguma?

N.F.: Não Capitão mas podem vir a aparecer. É que o ataque é feito assim: despeja-se a tinta azul, ela começa-se a infiltrar na terra, vai inquinhar a água de algum poço e as pessoas que se utilizarem dela poderão vir a morrer envenenadas.

Z.D.: Mas que cabra safado, hem? E porque é que o delegado daí não manda prender ele?

N.F.: É difícil apanhá-lo, ele não

ataca sempre no mesmo sítio. Umas vezes perto do campo de futebol, outras perto da discoteca Lírio.

Z.D.: Oia se eu não tivesse feito uma promessa ao meu «pad'inho pad'e C'isse» de não botar fogo em mais ninguém, eu ia a Fão e acabava com a raça desse tal de «Mancha Azul».

Pera lá. Agora é que estou me lembrando. Talvez seja o meu filho Ostojo, pois ele queria ser cangaceiro.

N.F.: É Capitão, não há dúvida que esta mancha é um grande estojo para todos os Fangueiros.

Z.D.: E é um, e é dois, e é três... Me segura meu «Pad'inho pad'e C'isso» se não eu vou a Fão dar uma surra naquele menino e mando ele de volta para a Penha e pró Galego.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO